

Senhor Presidente da Câmara Municipal de Alcochete  
Senhor Presidente da Assembleia Municipal de Alcochete  
Senhores Vereadores  
Senhores Deputados Municipais  
Senhores Convidados e estimado público,

Assinalamos hoje mais um aniversário do 25 de Abril, a revolução que pôs fim à ditadura fascista e fez nascer um Portugal novo, **já lá vão 37 anos.**

Foi assim - com notável sensibilidade poética e política e numa síntese luminar - que o **POETA DA REVOLUÇÃO** nos contou e cantou o **derrubamento do governo fascista** no dia **25 de Abril de 1974:**

**«Quem o fez era soldado,  
homem novo capitão,  
mas também tinha a seu lado  
muitos homens na prisão»**

Em quatro versos, o **Zé Carlos** assinalava o **Dia da Liberdade**, erguido pelos heróicos **Capitães de Abril** e situava o início da construção desse **Dia** na longa, difícil e heróica caminhada de **resistência ao fascismo.**

Foi esta revolução, que hoje estamos aqui a comemorar, que permitiu que vivêssemos num país livre, mais fraterno, em que as pessoas tenham os mesmos direitos, o direito à saúde e ao ensino, gratuitos e de qualidade, o direito ao trabalho, os direitos sociais, o direito a votar, o direito a exigir melhores condições de vida e de trabalho.

Porque foi com esta revolução que se conquistaram coisas tão simples e que nos parecem um dado adquirido, como a liberdade de expressão, as eleições livres, o direito à greve e à indignação, o direito de voto.

No entanto, sobretudo para as gerações mais novas, que não viveram antes do 25 de Abril, é nosso dever e obrigação recordar estes factos que de forma propositada são esquecidos nos programas escolares. Preservar o que foi feito pelos nossos pais, avós e outros democratas e antifascistas que tanto lutaram para permitir que hoje vivamos em Liberdade. E por isso mesmo, devemos sentir uma enorme admiração pelas pessoas que

travaram tão duras lutas para acabar com a ditadura em Portugal. E que nunca desistiram. E que sempre acreditaram que era possível. E foi!

No entanto, não podemos deixar de sentir o peso da responsabilidade. Porque, cabe-nos, a nós, aos nossos filhos e netos, defender a democracia e a liberdade que nos legaram.

Não nos podemos resignar e aceitar os atropelos constantes aos ideais de Abril. Não podemos permitir o retrocesso em tão difíceis conquistas.

Voltámos a ter em Portugal níveis de desemprego assustadores, com o conseqüente crescimento da pobreza, da miséria, em que voltámos a ter as políticas dos baixos salários, a precariedade, a falta de apoios sociais, e o retorno da necessidade de recurso à emigração, tal como se verificava nos piores anos do ditador Salazar.

Não podemos ainda esquecer sectores tão fulcrais, como a saúde e a educação, cujas políticas levadas a cabo nos últimos anos, pelos sucessivos governos do PS, PSD e ainda com a ajuda do CDS-PP, têm tentado destruir, em benefício de grandes grupos económicos, que se impõem sobretudo na área da saúde, servindo interesses pessoais dos próprios governantes, e não os da população.

**Políticas neo-liberais e ultra neoliberais**, protagonizadas pelos denominados agora, pomposamente, partidos do “arco do poder”, em que os grandes interesses económicos e capitalistas se sobrepuseram aos interesses colectivos das populações. Fazendo-nos crer que as privatizações das empresas seriam solução para salvar as contas públicas. Empresas essas, que são das que maiores lucros têm tido, a par da Banca, com gestores a receber ordenados escandalosos, verdadeiras fortunas. Ao mesmo tempo que as condições de vida, da população em geral, se vão degradando.

Políticas em que os dinheiros públicos foram e são desbaratados com gestões danosas, assistindo-se diariamente a uma total impunidade e desresponsabilização dos nossos governantes; que na maioria dos casos acabam por ser recompensados com nomeações políticas para altos cargos. Paralelamente, exigem-nos sacrifícios, em nome de uma suposta estabilidade e crescimento, baixando os salários, aumentando os impostos, reduzindo os apoios sociais, enfim... A concentração da riqueza em detrimento da sua redistribuição. Uns a esbanjar e outros, os do costume, a pagar e a fazer sacrifícios.

Chegou a hora de todos dizermos BASTA! Seria impensável, após aquela tão inesquecível data - O 25 de Abril de 1974 e depois de

tantas conquistas alcançadas, hoje pudéssemos constatar que Portugal atravessa, de facto, um dos momentos mais difíceis da sua história que terá que resolver com urgência, sob o perigo de deflagrarem crescentes tensões e consequentes rupturas sociais, algumas já existentes.

Importa em primeiro lugar averiguar as causas. Devem-se sobretudo à má aplicação dos dinheiros emprestados pela Comunidade Europeia para o esforço de adesão e adaptação às exigências da união.

Foi o país onde mais a Comunidade Europeia investiu “per capita” e o que menos proveito retirou. Não se actualizou, não melhorou as classes laborais, regrediu na qualidade da educação, vendeu ou privatizou actividades primordiais e património que poderiam hoje ser um sustentáculo.

Os dinheiros foram encaminhados para, entre outros, estádios de futebol, constituição de centenas de instituições público/privadas, fundações e institutos, de duvidosa utilidade, auxílios financeiros a empresas que os reverteram em seu exclusivo benefício, pagamento a agricultores para deixarem os campos e aos pescadores para venderem as embarcações, apoios estrategicamente endereçados a elementos ou a próximos deles, nos principais partidos, elevados vencimentos nas classes superiores da administração pública, o tácito desinteresse da Justiça, frente à corrupção galopante e um desinteresse quase total das Finanças no que respeita à cobrança na riqueza, na Banca, na especulação, nos grandes negócios, desenvolvendo, em contrário, uma atenção especialmente persecutória junto dos pequenos e médios comerciantes e população mais pobre.

Ao arrepio das fantasias delirantes do Primeiro-ministro, Ministro das Finanças e dos restantes membros deste governo, agora em gestão, a realidade diz-nos que **Portugal foi um dos dois únicos países da Zona Euro a fechar o ano de 2010 em contracção económica.**

**A realidade despreza os mentirosos e não tem por costume ocultar a incompetência.**

Os problemas acabados de elencar, não são de agora como temos vindo a constatar, nem se explicam apenas pela crise do capitalismo internacional, resultam de um longo processo conduzido por sucessivos governos com políticas danosas que avolumaram injustiças e a exploração, alienaram recursos e activos estratégicos, hipotecaram a soberania nacional, empobreceram o regime democrático. Anos continuados de uma escalada anti-social, umas

vezes em nome da modernização da economia portuguesa, outras em nome do défice, outras vezes da crise e agora em nome da dívida. Problemas que se aprofundaram neste último ano com as medidas anti-sociais e com programas de dura austeridade impostos pelo governo do PS e pelo PSD, os maiores responsáveis da crise onde actualmente mergulhamos.

Os seus PEC`s e Orçamentos de Estado, apresentados e justificados como males necessários para vencer dificuldades, traduziram-se afinal em factores de acentuação de crise e recessão, de um aumento ainda maior do desemprego, de um agravamento da dependência externa sem precedentes e a dilatação do próprio défice das contas públicas que dizem querer combater.

Um governo que ainda há três ou quatro semanas dava garantias absolutas, através do seu Primeiro-Ministro, que não accionaria qualquer pedido do Fundo Europeu de Estabilização Financeira, essa falsa solução, intitulada de ajuda, que introduz em Portugal o FMI, com todas as consequências para a decisão soberana do país e para as condições de vida dos portugueses, mas, bastou apenas uma ordem dos senhores da Banca, para mais uma vez serem os seus interesses a prevalecer em relação aos interesses dos portugueses.

A solução para travar a especulação não está, nem nunca esteve na tomada de medidas de austeridade, porque como vimos neste último ano com os vários PEC`s, os juros e chantagem dos grandes interesses financeiros que dominam e falam em nome do mercado não pararam de aumentar e impor mais severas condições de financiamento da dívida. Dívida esta cuja maior fatia é privada e não pública. Ou seja, o povo português não viveu acima das suas possibilidades. O que houve foi um sector financeiro e grupos económicos que, na ânsia do lucro, especularam, recorreram a essa dívida, ficando os encargos para o País - o que quer dizer que parte significativa da "ajuda externa" agora em negociação vai direitinha para a Banca portuguesa.

Existem alternativas e nesse sentido defendemos que será imperioso que o governo imponha a renegociação da dívida externa (prazos, juros e montantes); a diversificação das fontes de financiamento; a acção convergente com outros países vítimas da especulação financeira e do Euro; a aposta na produção nacional; a redução das importações, a par do aumento das exportações e a diversificação das relações comerciais. Não haverá quaisquer

dúvidas que se esta negociação/re negociação não for concretizada, a inevitabilidade da mesma a curto prazo será uma realidade, como aliás existem já exemplos noutros países.

Rejeitamos por conseguinte uma intervenção externa desta denominada “Troika”, em si mesmo comprometedora do futuro da vida dos portugueses, do país e das suas perspectivas de desenvolvimento soberano e que certamente trará consequências gravíssimas para o Poder Local Democrático.

Paralelamente continuamos a assistir a uma cada vez maior descredibilização da política, onde mais recentemente ficamos estupefactos com declarações dos que proclamaram ir ter uma magistratura activa e não falaram; outros que intitulados de ultra independentes põem em causa os políticos, apelidando os partidos de “sacos de gatos”, negando qualquer ligação aos mesmos, mas aceitando convites para integrarem listas a deputados com o intuito de serem “nomeados” como segunda figura do Estado, autoproclamando-se socialmente de esquerda, mas desconhecendo, no entanto, as linhas programáticas por quem concorrem!

Aqueles que, depois de se vitimizarem a todo o momento, exortam o seu nome de forma delirante apelando ao seu próprio apoio, com uma veemência desmedida, assemelhando-se a uma qualquer sessão de culto; finalmente outros com grandes responsabilidades, que de forma inimaginável, apelam à greve ao voto no próximo dia 5 de Junho!

Em nota de conclusão diremos, o capitalismo ou se quiserem a ortodoxia neoliberal mostram a sua caducidade e a actual crise é a melhor prova da irracionalidade destes sistemas.

Com a agravante de explicar o inexplicável, a comunicação social com especial destaque para os meios audiovisuais convida quase diariamente os senhores que criaram tal situação e que dela se aproveitam lastimando-se com expressões já usuais tais como: “**tem que ser assim**” e “**é a crise**” dizem eles, para dar a ideia que o mal é sempre dos outros.

A Televisão é o funil que enfia, aos poucos, a droga nos portugueses, misturada com açúcar, para que o povo continue bem adormecido, a trabalhar sem refilar. Este órgão de informação, bem controlado por sinal, vai entretendo o pessoal e dando as suas doses de narcótico, às horas certas, para amansar o povinho. E assim... lá vamos, cantando e rindo... e bem levados!

**É perante estes cenários que se evocam hoje os 37 anos do 25 de Abril (!) cuja data tão gloriosa não mereceria!  
Não poderemos permitir que se continue neste caminho!**

Há que, acima de tudo, falar verdade e implementar verdadeiras **políticas de esquerda** reafirmando os ideais de Abril, porque a Revolução dos Cravos não faz parte do passado, é presente e será fundamental para que haja futuro, como hoje mais uma vez ficou demonstrado na Av. da Liberdade.

E, porque o "voto é a arma do povo", há que mudar este estado de coisas continuando convictamente a defender uma sociedade mais justa, mais fraterna, mais solidária, mais democrática e com uma exigência muito especial:

**Quem manda em Portugal são os portugueses e não os mandantes de uma Europa cada vez menos solidária liderada pela senhora Merkel, nem tão pouco aqueles senhores de fraque intitulados de "Troika", que agora nos visitam, encenando negociações que não passam de uma farsa, e se preparam para impor mais sacrifícios ao Povo com a conivência do PS, PSD, CDS (mais uma "Troika") e até do próprio Presidente da República que arranjou uma nova forma de se dirigir aos portugueses através das redes sociais!!.**

**LUTAREMOS INTRANSIGENTEMENTE PELA SOBERANIA E INDEPENDÊNCIA NACIONAL.**

**Mais cedo que tarde, o Povo encontrará na esperança de Abril o futuro do nosso País. E serão cravos os alicerces dessa construção. E como dizia o poeta:**

«Isto vai meus amigos isto vai,  
o que é preciso é ter presente,  
que o presente é o tempo que se vai  
e o futuro é o tempo resistente»

**RESISTÊNCIA ESTA QUE SE REFLECTIRÁ NO PRÓXIMO DIA 1º DE MAIO QUE, ESTAMOS CONVICTOS, IRÁ SER UMA VEZ MAIS UMA GRANDE JORNADA DE LUTA DOS TRABALHADORES E DO POVO PORTUGUÊS!**

- **Viva o 25 de Abril**
- **Viva o Concelho de Alcochete**
- **Viva Portugal**